



CULTURA HIP-HOP NAS ESCOLAS – RAPENSANDO A EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS DAS PERIFERIAS DO RS

Jankiel Francisco Claudio (Chiquinho Divilas)
Feevale-RS

Eixo 2- Educação, Cultura e Produção de Sujeitos:

O nome “Rapensando a Educação” foi escolhido propositalmente para este capítulo devido a um grande projeto que iniciou no final da década de 80 em São Paulo. Os grupos DMN e Racionais MCs realizavam palestras para alunos e professores em escolas públicas, em um projeto criado pela Secretaria da Educação intitulado “RAPensando a Educação”. O projeto era voltado para a realidade social e cultural dos mesmos, no qual alunos trabalhavam as disciplinas e temas sociais através do rap, o estilo musical que os unia, não deixando também de conhecer e respeitar os demais gêneros musicais. No projeto citado, iniciado no governo da ex-prefeita Luiza Erundina, Paulo Freire trabalhava na Secretaria da Educação, fazendo jus à sua fala: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (1968, p. 29).

Na oportunidade, se discutia a violência policial, racismo, miséria, tráfico de drogas, enfim, o cotidiano da periferia. O projeto repercutiu bem, principalmente nas comunidades em que as palestras aconteceram.

Levar o hip-hop para dentro das escolas, principalmente nas escolas localizadas em bairros empobrecidos, assim como o “*Rapensando a Educação*”, não como a salvação da educação, mas como uma grande possibilidade de enfrentamento da atual realidade educacional existente em nosso país.

Bebendo da fonte e do pensamento de Paulo Freire, esta possibilidade de prática de ensino serve como aparato para uma educação que anda na contramão da educação denominada de “bancária”, que transforma o educando em mero receptor para o depósito das informações (FREIRE, 2005, p. 66). Freire (2000) critica a educação bancária, a qual

não leva em consideração os saberes dos sujeitos e tão pouco faz relação com o meio que os cerca, tratando as aulas como transferência de saberes entre professor e educandos.

A proposta de utilizar a cultura Hip Hop em sala de aula, não como um método prescritivo, mas como uma estratégia de negociação e de diálogo entre educador e os jovens, no que diz respeito às suas subjetividades e identidades, articulando as singularidades dos alunos com experiências coletivas, parece-me fundamental para engajá-los em um projeto educacional, como condição do aprofundamento do aprendizado da cultura democrática na escola e do exercício pleno da cidadania (HILL, 2014, p. 13).

Diria pela experiência de mais de vinte anos com o hip hop que ele pode ser, sim, aplicado na sala de aula em parceria com professores, diretores e coordenadores e, quem sabe, podendo até despençar as estatísticas de violência, evasão e drogadição.

Portanto, mixar Freire e o rap na sala de aula pode agregar muito. São linguagens e conceitos semelhantes que abordam a cordialidade, que vem através da ética, respeito, exemplo, igualdade, esperança, autoridade e comprometimento.

Percebe-se então, que a afetividade está implicada na prática do professor e que o aluno, por ser sensível à carência desses princípios, compreende quando falta ao professor esse sentido e aproximação (FREIRE, 2000).

A educação popular é vista como fonte de produção do conhecimento carregada de intencionalidade. Por entender as classes populares como detentoras de um saber não valorizado e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, acreditamos na relevância de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo, provocando uma leitura da realidade na ótica do oprimido, que ultrapasse as fronteiras das letras e se constitua nas relações históricas e sociais.

Falar de Freire em educação popular é muito mais do que retratar a sua história, mas também o legado do educador que nasceu em 1921 e morreu em 1997. Nesses importantes anos, proporcionou novas reflexões sobre os excluídos, oprimidos, e aqueles que viviam e vivem à margem. Com o hip-hop dentro da escola, se torna possível não só sua identificação com a cultura, mas também com o aprendizado.

Denunciando, quem sabe, com Paulo Freire (1974), uma educação voltada apenas para o conteúdo e buscando apontar alternativas para uma educação libertadora.

O hip-hop pode denunciar isso no ambiente da própria educação, ainda mais se os professores da educação formal trabalharem em sinergia com os educadores sociais que ali estiverem.

Será o educador/educando livre, portanto, a partir da práxis e da humanização de si e dos outros. Quiçá aprendendo rimando, grafitando e dançando, junto com o professor da educação escolar, familiares e comunidades, de forma lúdica e saudável. Pensa-se em entrar com o hip hop pela porta da frente nas escolas. Musicalizando a educação, grafitando esperanças e dançando para um futuro de mais inclusão. A educação passa, então, a ser reivindicada através da rima, denunciada através do corpo em forma de dança e protesto, e grafitada como uma estética para a busca da inclusão e nossos direitos.

A proposta de utilizar a cultura hip-hop em sala de aula ultrapassa um método prescritivo, trabalhando como estratégia de negociação entre o educador e os jovens no que diz respeito às suas subjetividades e identidades, articulando as singularidades dos alunos com experiências coletivas, aproximando a rua da escola e fazendo-se repensar o sistema educacional.

Com a ideia de oferecer uma oportunidade de experiência com arte, numa linguagem que já é reconhecida pela juventude das zonas empobrecidas de Caxias do Sul, apresentando artistas reconhecidos do Movimento Hip-Hop, bem como artistas e produtores de outras linguagens, acrescentando repertório, surge o CULTURA HIP-HOP NAS ESCOLAS.

Baseado na pesquisa de mestrado de Jankiel Francisco Claudio, defendida em 2018 na Universidade Feevale-RS. O projeto busca gerar pensamento crítico entre os estudantes que proporcionou aos jovens estudantes espaços de experimentação do fazer artístico; a inclusão da comunidade no processo de autoestima, pertencimento, identidade e relação de saber-poder.

As escolas foram escolhidas pela sua situação geográfica e os desafios dos cotidianos que enfrentam, o cenário para tudo isso são as escolas, com a educação e o hip-hop apostando na emergência de cidadãos fortalecidos e atentos às novas possibilidades de inserções sociais, protagonistas e ativistas de um novo futuro para suas vidas e para a sociedade. O projeto também teve oficinas de Discotecagem profissional, DJ, Dança e Conhecimento, falando sobre proatividade e liderança. Um estúdio móvel entra na sala de aula para gravar os raps composto pelos estudantes, após uma oficina de rima e literatura através das letras.

Falar sobre a importância de uma mudança no sistema educacional hoje é tão importante para pensarmos num futuro mais democrático e igualitário. Desta forma, a educação amarrada às artes e à cidadania, pode e deve acontecer no espaço da escola. Mesmo que, no espaço das decisões políticas, ela esteja sendo violada e enfrenta tempos de tensão. A história mostra que há anos vivemos nessa tensão ideológica. Contudo, essa educação proposta nessa pesquisa, focada para os direitos humanos, não tem outra finalidade a não ser a humanização.

Os estudantes devem ser incentivados a pensar por si mesmos, o que se faz através de incentivo à autonomia, ao desenvolvimento humano e ao esclarecimento. A prática da liberdade, defendida nos documentos educacionais, principalmente na ideologia de Paulo Freire, vem ao encontro desta tão sonhada educação libertadora. A escola precisa superar o modelo de linha de produção fabril e produtor de uma educação rasa, que atende ao mercado, para assumir sua identidade e promover desenvolvimento integral dos sujeitos. A escola deve assumir a educação como forma de humanização, de sensibilização e de capacitação de seus alunos para o diálogo, reconhecendo a diversidade. É preciso pensar a educação. Sendo assim, é possível acreditar que o hip-hop pode contribuir para o aprendizado educacional, além de ressignificar a identidade do jovem pobre e despertá-lo para o engajamento no combate às essas violações aos direitos humanos e fortalecer as relações étnico-raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Educação; Hip-Hop; Periferia;

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 26 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

